

## ANDRÉ GIDE E A EXPERIÊNCIA DE DEUS

João Carlos NOGUEIRA

Instituto de Filosofia – PUCCAMP

André Gide é certamente um dos autores mais importantes da literatura mundial. Sua obra rica e variada mostra um escritor genial, cuja produção nos diversos campos da literatura, do romance ao diário, assume um significado artístico de primeira ordem.

A obra gideana testemunha uma existência profundamente marcada pelo sentido religioso, mesmo após a perda da fé. Assim quando retrata personagens piedosos ou quando traça o perfil de pessoas que rompem todos os laços de natureza ética e religiosa, no fundo ele está autobiografando-se.

Sua personalidade verdadeiramente complexa revela um homem de séria sensibilidade artística, inexoravelmente presa no dilema de uma consciência dividida entre o bem e o mal, entre a fé e a descrença. Enfim um ser contraditório e inquieto, no qual o desejo de uma liberdade sem limites chocava-se com a tendência ao conformismo, o lado sensual com o puritano, a dúvida com as certezas da crença.

Neste breve estudo analisarei um momento da contradição viva que assinalou tão fundamente sua vida, expresso na pequena obra que traz o sugestivo título de *NUNQUID ET TU* ("Tu também não estavas com ele"?). A expressão é tirada do texto latino dos evangelhos e se refere à pergunta feita pela criada do sumo sacerdote a Pedro no famoso episódio de sua negação de Jesus.

Nesta obra Gide dialoga com Cristo de maneira tocante manifestando o enorme tormento que se apodera do seu espírito e desabrocha em preces de grande fervor, que parecem desconcertantes nos lábios do escritor materialista e descrente de tantas obras como **NOURRITURES TERRESTRES, L'IMMORALISTE, LES CAVES DU VATICAN** e outras mais.

**NUNQUID ET TU** conta-se sem dúvida entre as páginas mais bonitas e sofridas da espiritualidade francesa<sup>1</sup>. É uma espécie de **diário espiritual** abreviado, escrito entre 1916 e 1919 em que ele expressa a sua fé hesitante num comovente colóquio com Cristo através das páginas do evangelho.

Neste momento de aguda crise espiritual Gide aparece como que disponível a aceitá-lo e a colocar-se seriamente a caminho de Deus. Estudiosos de sua obra afirmam que este pequeno diário revela, de maneira dramática, todo o restante de sua obra e de sua vida.

Quando lemos NUNQUID ET TU uma coisa aparece clara: Gide é um homem dividido, enquanto se percebe espiritualmente solicitado em direção diametralmente opostas. O desejo de Deus é patente nele nesse momento, como mostra essa belíssima invocação: "Senhor, possa a minha prece, como a das almas puríssimas, não ser senão o reflexo de Ti que se volta para Ti quando te curvas para mim". Pela sua vontade e pelas suas disposições Gide se encontra aqui aberto para Deus, o que mostra uma vez mais a importância da perspectiva religiosa na sua atormentada existência. Este ponto merece ser devidamente afirmado contra a tendência que existe de apresentá-lo como alguém que sempre preconizou uma irreligiosidade e um imoralismo radicais como afirmações de uma autenticidade que se paga tão somente de sua força vital e de sua absoluta independência.

A crise de 1916 revela outra coisa da vida do grande escritor. A preocupação religiosa não foi somente um breve hiato numa existência cética e descrente, mas ao contrário assoma como uma presença forte, amiúde dilacerante, embora muitas vezes recusada por um preconceito racionalista.

Mas voltemos à questão central de NUNQUID ET TU, a da experiência religiosa presente nas páginas desse pungente diário.

Surpreendemos aqui o escritor pondo-se diante do evangelho na atitude humilde e amorosa do homem de fé. Ouçamo-lo: "Senhor, eu venho a Ti como uma criança; como a criança que Tu queres que eu me torne, como a criança que se torna quem se abandona de Ti. Repudio tudo o que constitui o meu orgulho e que diante de Ti faria a minha vergonha. Escuto somente e submeto-Te o meu coração"<sup>2</sup>.

Tal é o seu propósito. No entanto, quando se trata de passar à leitura do texto evangélico na sua pureza e autenticidade, a atitude de Gide se transforma. Ela não se coloca mais na simplicidade de espírito para escutar a mensagem de vida que aí ressoa, mas põe a discuti-la e interpretá-la de forma totalmente subjetiva. Assim é possível perceber em vários passos do NUNQUID ET TU uma alternância de atitudes: de um lado disposições interiores verdadeiramente cristãs, repassadas de sinceridade e profundidade mística, de outro tendências claramente céticas e racionalistas. Essa inclinação racionalista, que o predispunha à recusa da dimensão sobrenatural, pode ser considerada a principal barreira que se ergue entre Gide e o evangelho. Para ele a verdade religiosa é uma questão totalmente íntima e pessoal, inteiramente circunscrita às dimensões do **sujeito**, sem saída para realidade objetiva que a fundamente. Nessa linha pode-se facilmente compreender que ele tenha chegado a fazer dela um conceito

nitidamente instintivo e materialista. Aqui jaz o drama desse homem paradoxal: sua razão levada ao ceticismo e a um exagerado criticismo contradiz seu impulso na direção do Transcendente. Destarte Gide não conseguiu alcançar o vôo místico que seu espírito almejava e que o teria conduzido, humilde e confiante, ao encontro do Pai.

Já no prefácio do livro, na edição de 1926, ele vai atribuir a sua atitude à angústia e a desorientação produzidas nele pelas terríveis vicissitudes da guerra. As palavras do seu diário — diz ele — são palavras proferidas em voz baixa, quase sussurradas, uma vez que “os retratos da alma são e devem permanecer mais secretos que os segredos do coração e do corpo”.

Essas afirmações evidenciam que a crise religiosa de Gide não deve ser encarada negativamente como um tipo de patologia psíquica, que o lançava num estado de obsessão desagregadora de suas forças espirituais. Ao contrário parece-me que deve ser vista positivamente como a mobilização de suas melhores energias para clarificar-se e chegar dessa forma a um autêntico ato de fé. Aliás é ele mesmo quem compara suas paradas no elã para Deus a tentações diabólicas produzidas por sua razão sempre inclinada à dúvida e à incredulidade. Os motivos da razão apresentam como questão de honestidade, e sincera tentativa de esclarecimento o que, em última análise, não seria senão formas enganosas assumidas pelo tentador. É sintomático que, nessa fase, ele divise na inteligência o elemento demoníaco que habita o homem. É o momento em que ele está em luta contra as tendências aberrantes de sua sexualidade e explode em gritos e súplicas doloridas a Deus. Veja-se o que anota no dia 16 de junho de 1916: “Ah! Senhor, não deixes que o Malígnio venha tomar o teu lugar no meu coração! Não te deixas despossar, Senhor. Se te retiras completamente ele se instalará. Ah! não me confundas de todo com ele. Asseguro-te que não o amo tanto assim. Lembra-te que já me foi possível amar-te”. É um brado lancinante. Gide está dividido entre o amor de Deus e a sedução do Malígnio. Sua vida parece um movimento pendular entre o bem que ele percebe e quer realizar e o mal que o atrai, vencendo-o muitas vezes. Lutando e caindo repetidamente ele se vê como que tomado por uma espécie de **possessão diabólica** que o enreda fatalmente em suas malhas. “O demônio — afirma ele — fez-se clássico comigo quando isso lhe foi preciso para me apanhar e por saber que eu não assimilaria voluntariamente ao mal certo equilíbrio feliz”.

Antes de recusar a experiência religiosa e optar somente pelo horizonte terreno como único significado de sua existência, Gide enfrentou com comovente sinceridade o combate da fé, que entreviu como sentido e valor verdadeiro da vida. As angustiadas páginas do *NUNQUID ET TU* provam-no de maneira exemplar.

“Durante o ano de 1916 — diz Charles Moeller — Gide foi trabalhado pela graça divina. A luta moral, a prece, a angústia de perder a sua

alma, a humildade, a fascinação diante de Satanás sucedem-se nesta alma dilacerada. Mesmo sendo a sua singularidade humanamente incurável, Gide bem sabe que na graça ela pode tornar-se a cruz purificadora que talvez fosse seu destino carregar”<sup>3</sup>.

Há um aspecto, na vicissitude espiritual de Gide, que se faz necessário destacar. Ele sabe muito bem tirar as máscaras das tentações mais ardilosas que se insinuam: em sua arte. Assim se expressa no dia 7 de novembro de 1916: “Meu Deus, permite que eu não seja daqueles que fazem figura no mundo. Permite que eu não seja daqueles que vencem. Faze com que eu não conte entre os felizes, os satisfeitos, os bem nutridos; entre os que são aplaudidos, aqueles aos quais se felicita e que provocam inveja”. Sua consciência aparece aqui vigilante, lúcida, senhora de si e do que deve fazer. Consegue enxergar bem o caminho a trilhar. Todavia a vertente puritana de sua educação religiosa lança-o numa visão trágica do cristianismo, onde a ameaça da perdição espreita-o a cada momento. Há nele “uma espécie de predestinação para o mal”, que não adianta tentar vencer. Não há como escapar a esta sina. “Não somos somente prisioneiros; o mal ativo exige de nós uma atitude invertida; é preciso combater em sentido inverso” (19 de setembro de 1916).

“Com essa impressão de impotência — diz Elvira Cassa Salví — pode-se compreender a sua necessidade de “simultaneidade dos contrários”, que é para ele o meio único e laborioso para resgatar a liberdade comprometida”<sup>4</sup>.

Mais uma vez se manifesta a perplexidade de Gide, oscilante entre a fé e a descrença, em nome da razão esclarecida. Para ele a inteligência continua sendo um grande empecilho para a aproximação do evangelho. Arrastada pelo seu pendor cético-racionalista ela se torna dissolvente para a fé.

No entanto, a despeito disto ele soube captar a realidade de Cristo com o **Verbo divino**. É o que constatamos através dos conceitos que emite na introdução do **NUNQUID**. O Cristo que aí aparece é sem dúvida o Cristo professado pela fé cristã. Diante dele Gide se põe na atitude da criança capaz de escutar humilde e confiantemente se dispõe a acolhê-lo no dia de sua visita. Sua fé é realmente simples e sincera, isenta de incertezas. Mas no momento em que a razão irrompe de novo com seu poder judicativo, a posição gideana metamorfoseia-se. Torna-se novamente cética e então tudo cai aos golpes da crítica mais radical. Não fica de pé nenhuma verdade fundamental para o cristianismo, nem mesmo a divindade de Cristo, que vai aparecer-lhe como simples homem, representando apenas o ideal de todo homem, nada mais. Na medida, porém, em que esse racionalismo religioso se ausenta de seu espírito brota nele, com profunda sinceridade, a confissão do próprio pecado e a busca de Deus. Leia-se, por exemplo, esse belo texto do dia 3 de outubro de 1916,

onde o orgulho e a paixão carnal são desmascarados e Cristo é invocado como o único que pode salvá-lo.

“Sua mão sempre estendida, que o orgulho se recusa a aceitar.

— Preferes então continuar mergulhando aos poucos, cada vez mais profundamente no abismo? Pensas que essa carne apodrecida se vai destacar por si mesma de ti? Não, se tu não te desprenderes dela.

— Senhor, sem a tua intervenção ela me apodrecerá antes inteiro. Não, não é orgulho, bem o sabes. Mas para aceitar tua mão eu desejaria ser menos indigno. Assim meu lodo a manchará antes que a sua luz clareie.

— Perdão, Senhor. Sim eu sei que minto. A verdade é que esta carne que odeio, amo-a ainda mais que a ti. Anseio por esgotar seus gozos. Peço-te que me ajudes, mas faço-o sem verdadeira renúncia”.

Gide, porém, não chegou ao passo decisivo da conversão religiosa. Roçou-a apenas. A busca da verdade que ele empreendeu numa direção puramente subjetiva não lhe ensejou tal passo. No fim acabou vendo nos evangelhos tão somente uma alusão à alegria terrena. Esta é uma inversão enorme que nega radicalmente o sentido do texto sagrado. “Incapaz de abandonar Cristo — ressalta com propriedade Moeller — pretendeu ver no seu evangelho, artificialmente separada do resto e interpretada de maneira tendenciosa, uma mensagem de libertação terrestre”<sup>5</sup>.

O ingênuo panteísmo “do Deus disseminado das coisas”, que encontramos em algumas passagens do **NUNQUID**, vai assumir uma flexão profundamente imanentista, carregado de forte dose de individualismo. As anotações do dia 4 de março de 1916 mostram que a felicidade individual circunscrita unicamente ao presente, assume de vez a primazia em seu pensamento. O amor do próximo e a dimensão escatológica não têm mais lugar nesta concepção. Então para ele a expressão evangélica “perde a própria vida” adquire o significado preciso e terrível que têm os termos privados do fim escatológicos cristão”<sup>6</sup>. Interpretando a eternidade em sentido temporal e o **reino de Deus** numa dimensão exclusivamente terrena, Gide pulveriza ambas as realidades. A vida eterna que, na palavra de Cristo, inicia **agora** com o **reino** que ele instaura na história, Gide a entende restrita ao puro presente. Não há um **reino** do além. Tudo fica definitivamente encerrado no horizonte terrestre. A perspectiva escatológica volatiliza-se.

A interpretação gideana do texto evangélico não encontra nenhum apoio na exegese cristã. É-lhe, ao contrário, claramente oposta. Interpretar o evangelho de forma subjetivista, conferindo-lhe um significado simplesmente imediato, parece algo feito de propósito para satisfazer um desejo pessoal. Mas, então, tal interpretação torna-se arbitrária e insustentável. Reduzir o evangelho ao tamanho do desejo humano e à

busca de uma felicidade para o **aqui** e **agora** é falseá-lo gravemente. Gide, levado pela tendência racionalista de seu pensamento, cai nessa contradição e distorce seriamente o sentido do texto sagrado.

A experiência de Deus na vida e na obra deste homem "inquietante e inquieto", como diz G.I. Aubry, é uma realidade marcante, mesmo no momento em que ele se torna ferrenho **antiteísta** como consequência de sua opção pela horizontalidade terrena. Embora negado, Deus permanece sua obsessão constante. Aí estão as páginas pungentes do pequeno e do grande Diário para prová-lo da mesma patente.

Mesmo quando se diz tão somente "filho desta terra", percebe-se nas entrelinhas, que a custo ele consegue disfarçar "o ligeiro tremor que lhe emociona a voz quando fala desse mundo invisível que abandonou para sempre"<sup>7</sup>.

Gide uma vez se declarou o **filho pródigo** que foi "dilapidando grandes bens". Não estaria aí a confissão da secreta busca que animou a sua existência tortuosa e atormentada? Ser **filho pródigo** é a condição de todo homem diante de Deus. O importante é não perder o caminho da casa paterna.

#### NOTAS

(1) Cf. CH. MOELLER: *Literatura do séc. XX e Cristianismo*, Vol. I Flamboyant, S. Paulo — 1958, p. 135.

(2) NUNQUID ET TU, pp. 71-73.

(3) Op. cit., p. 182.

(4) Introdução à tradução italiana de NUNQUID ET TU.

(5) Moeller, Ch.: op. cit., p. 182.

(6) CASSA SALVI, E.: loc. cit., p. 44.

(7) MOELLER, CH.: op. cit., p. 196.